

# Anita Garibaldi em Belo Horizonte: representações do feminino em disputa

Rita Lages Rodrigues, Universidade Federal de Minas Gerais

<https://orcid.org/0000-0001-9821-4864>

ritalagesrodrigues@gmail.com

## Resumo

Em 21 de setembro de 1913, inaugura-se um monumento a Anita Garibaldi, de João Bassi, em Belo Horizonte, cidade que contava com extensa comunidade italiana. Entrecruzando-se os caminhos percorridos pela escultura no solo urbano da capital mineira e as narrativas presentes em jornais sobre a personagem, busca-se analisar as representações vigentes da mulher Anita Garibaldi nas primeiras décadas do século XX, abordando-se, sob uma perspectiva temporal estendida, alguns monumentos mais contemporâneos. A figura de Anita aparece ora como a grande heroína, ora como a mulher que não representa um ideal de feminilidade a ser seguido. Da heroína mítica à mulher com condutas e moral questionáveis, são muitas as Anitas e obras que representam estas disputas nos *locus* urbanos.

**Palavras-chave:** Monumentos Públicos. Representações do feminino. Belo Horizonte. Espaço urbano. Anita Garibaldi

## Abstract

On september 21, 1913, a monument to Anita Garibaldi was inaugurated in Belo Horizonte, city that had an extensive italian community. Through the path made by the sculputure in the capital of Minas Gerais and the newspapers' narratives about the character, we seek to analyse the Anita Garibaldi representations during the first decades of XXth century, including some more contemporary monuments. The figure of Anita Garibaldi appears sometimes an a great heroine, sometimes as a woman who does not represent an ideal of femininity to be followed. From the mythical heroine to the woman with questionable behavior and morals, there are lots of Anitas and monuments that represent these representation's disputes in urban *locus*.

**Keywords:** Public monuments. Feminine representatios. Belo Horizonte. Urban space. Anita Garibaldi

Em 21 de setembro de 1913, inaugura-se o monumento a Anita Garibaldi, do escultor João Bassi, na Praça da Estação, um dos locais de maior visibilidade em Belo Horizonte, cidade que contava com extensa comunidade italiana: um busto de Anita sobre um pedestal de mármore que tem em sua base um alto-relevo em bronze representando a passagem do Rio Canoas pela brasileira. Alguns anos depois, é fixado em uma via lateral do Parque Municipal, não estando mais em lugar de centralidade. Em seguida, em virtude da construção de um viaduto, é colocado em uma pequena ilha, sem nenhum destaque, no mesmo Parque. Ao pesquisarmos jornais contemporâneos à instalação da escultura, percebe-se que várias cidades brasileiras receberam monumentos homenageando a heroína. A grande maioria das reportagens é laudatória, no entanto, há alguns jornais conservadores que questionam a catarinense como modelo a ser seguido. Assim, podemos perceber as representações de Anita refletindo a partir de autoritarismos e preconceitos e também a partir de resistência a estes. Com o entrecruzamento dos caminhos percorridos pela escultura no solo urbano da capital mineira e das narrativas presentes em jornais sobre a personagem, busca-se analisar as representações possíveis da mulher Anita Garibaldi nas primeiras décadas do século XX e, sob a perspectiva de uma temporalidade estendida, pretende-se perceber as continuidades de disputas em torno à sua representação até o século XXI. Em 2019, em Imbituba, Santa Catarina, inaugurou-se uma nova escultura desta personagem tão retratada em peças de teatro, filmes, romances, minisséries, narrativas jornalísticas. Sua presença foi efetivada em mármore, bronze e matéria no território de várias cidades no Brasil e na Itália, sendo lembrada por sua participação como companheira de Garibaldi no processo de unificação da Itália e por suas lutas no Brasil. A partir de imagens forjadas por meio de cânones característicos da arte urbana e monumental do século XIX, em um continuum histórico de obras antigas e novas que ocupam espaços urbanos, em conjunto com a análise das narrativas jornalísticas sobre a retratada, pretende-se mostrar como a figura de Anita aparece ora como a grande heroína, ora como a mulher que não representa um ideal de feminilidade a ser seguido. Da heroína mítica à mulher com condutas e moral questionáveis, são muitas as Anitas e obras que representam estas disputas nos lócus urbanos.

Interessa-nos aqui pensar a presença deste corpo-bronze no território da cidade no início do século XX e as disputas que acontecem em torno à sua escultura, a partir de visões de mundo distintas sobre esta representação-corpo-mulher-revolucionária e os embates simbólicos e materiais em torno à sua existência. Para tanto, é fundamental refletirmos sobre a centralidade de sua presença na Praça da Estação no momento de sua inauguração e a posterior desterro no próprio território da cidade. Devido à pandemia de COVID-19 que assolou o mundo nos anos de 2020 e 2021 e que continua, não foi possível realizar pesquisas nos arquivos da cidade de Belo Horizonte. Optou-se, então, por fazer a pesquisa na hemeroteca digitalizada do Arquivo Nacional, sendo a principal fonte o periódico juiz-forano *O Pharol*.

A personagem retratada na obra nasceu em Santa Catarina, no ano de 1821, batizada com o nome de Ana Maria de Jesus Ribeiro. Casou-se adolescente, aos 14 anos, costume comum no século XIX, com Manuel Duarte de Aguiar. Anita, aos 18 anos, conheceu Garibaldi, que havia atravessado o Atlântico para lutar na Revolução Farroupilha. Na narrativa vigente eles se apaixonaram, seguindo para o Uruguai em 1842, onde se casam e têm filhos, e, em 1847, viajam para a Europa, onde Anita faleceu em 1849, em Ravena, na Itália. É fundamental refletirmos sobre o caráter transgressor da existência de Anita, revolucionária, que vai viver uma outra vida na Itália, como companheira daquele que é considerado o herói da unificação italiana, Giuseppe Garibaldi.



**Figura 1.** João Bassi. Busto de Anita Garibaldi. 1913. Bronze. s/d. Acervo. Fotografia da autora do artigo.

Sobre as inúmeras representações de Anita, podemos perceber na literatura, no teatro na ópera, criações e reflexões sobre a personagem. A imagem que possuímos de Anita é marcada, em grande parte, pela visão de Garibaldi sobre a companheira, deixada em seus diários:

As Memórias de Garibaldi são, praticamente, a fonte primeira da história de Anita. Nelas, o revolucionário constrói a imagem de sua companheira como uma mulher-soldado, uma pessoa corajosa com

princípios claros de igualdade e justiça, uma espécie de guerreira-nata e destemida nos campos de batalha. Nesse sentido, ele edifica o mito heroico de Anita, destacando que ela é uma mulher que irrompe no espaço público como vencedora e atua no espaço masculino como se fosse o seu próprio universo. Essa figura de Anita é repetida pelos demais historiadores depois dele que corroboram a solidificação da heroicidade de Anita Garibaldi. (RIBEIRO, 2010, p. 09)

Na literatura e nos monumentos, a principal representação da Anita com a qual nos deparamos é a da Anita Heroica. No busto (figura 01) e no relevo (figura 02) que ocupam o espaço de Belo Horizonte, encontramos ecos da representação de heróis na tradição escultórica: os bustos no espaço urbano representam figuras que seriam de relevo, políticos, imperadores, presidentes, literatos, heróis. No relevo encontramos a heroína em clássica representação do herói sobre o cavalo, remetendo a imagens dos heróis damas o que chama atenção na imagem é o movimento revolto, representando um momento de ação na vida da heroína italo-brasileira.

O mito Anita Garibaldi, como heroína das duas nações, Brasil e Itália, é construído ainda no século XIX no contexto da imigração italiana para o Brasil e vai encontrar lugar no território urbano de cidades brasileiras no início do século XX, em cidades onde a imigração italiana fazia-se fortemente presente. É o momento da criação de heróis nacionais na Itália e no Brasil e a personagem vem cumprir bem este papel, em especial na construção da ideia de República no Brasil, ao ser a heroína da Revolução Farroupilha que representou uma luta por ideais republicanos, ainda que derrotada, no Sul do Brasil. E no caso da Itália, ela é a jovem e revolucionária esposa do herói unificador da península. Na Itália, monumentos são erigidos em homenagem à companheira do grande herói nacional, colocando a representação de Anita em um entre-lugar nacional, em duas nações, configuradas inicialmente no século XIX e cuja própria construção do nacional estava em constante transformação.

Anita torna-se uma representante desta relação Brasil-Itália, um espelho, uma vez que foi a brasileira que saiu do Brasil que algumas décadas depois passa a receber um enorme contingente de italianos. Anita é construída como um mito para aproximar os dois países, mas sua representação é objeto de disputa. Esta percepção do território da cidade em disputa, é cara aos estudos urbanos. Ao debruçar-nos sobre os conflitos presentes na (1) representação de Anita Garibaldi em diversos meios e nos (2) deslocamentos do monumento pelo território de Belo Horizonte, podemos refletir sobre as práticas sociais presentes na preservação do patrimônio, em uma perspectiva microscópica que serve para observarmos a urbe como um espaço público em disputa. Busca-se, assim, a partir de um monumento em disputa, tecer reflexões sobre o modo como se opera a construção social do

espaço público, a partir de representações distintas dos sujeitos que dão sentido e agem sobre o espaço público.<sup>1</sup>



**Figura 2.** João Bassi. Relevo representando a travessia do Rio Canoas. 1913. Bronze. s/d. Acervo. Fotografia da autora do artigo.

Assim como nosso corpo percorre espaços da cidade, paisagem e passagem, como nos ensinou Antonio A. Arantes, o busto-relevo-Anita também percorreu o espaço da cidade, mas congelou-se em um espaço-tempo estendido ao habitar por quase um século a Ilha dos Amores no Parque Municipal. Para chegar à Anita Garibaldi é necessário transpor uma ponte, uma ponte que leva aos Amores. No espaço urbano, a história e o mito da personagem retratada encontram-se na presença-matéria-urbana. O Parque Municipal, previsto inicialmente pela linhas do chefe da Comissão Construtora da Nova Capital Aarão Reis e sua equipe para ocupar mais do dobro do espaço que hoje ocupa, representa o tempo das primeiras décadas da cidade.

---

<sup>1</sup>Estas reflexões sobre o território urbano e suas disputas em torno à paisagem são baseadas e inspiradas no livro Paisagens Paulistas de Antonio Augusto Arantes (2000)

Os espaços da cidade e seus monumentos são partilhados sensivelmente pelos cidadãos da urbe, aqui evoca-se Jacques Rancière que assim define o seu conceito:

Denomino partilha do sensível o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa portanto, ao mesmo tempo, um comum partilhado e partes exclusivas. Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividade que determina propriamente a maneira como um comum se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha. (RANCIÈRE, 2005, p. 15)

Como se deu a partilha do monumento de Anita pelos seres humanos habitantes da cidade? De início, aponta-se a disputa em torno à heroína que se materializa no deslocamento da obra pela cidade.

O sensível de Rancière encontra-se no campo político, de partilha dos significados. Política e estética encontram-se no mundo de hoje sob a perspectiva de Rancière. De acordo com ele, após a crise da arte, acrescento, a crise da arte ocidental como havia sido compreendida pelo Ocidente, a captação pelo discurso, a generalização do espetáculo ou a morte da imagem consistem em “indicações suficientes de que, hoje em dia, é no terreno estético que prossegue uma batalha ontem centrada nas promessas da emancipação e nas ilusões e desilusões da história.” (RANCIÈRE, 2005, p. 12) Podemos acionar o passado para perceber na escultura em questão as batalhas travadas em torno à representação de Anita.

Como apresentado por Roberto da Matta em seu livro *A Casa e a Rua*, “Há também espaços transitórios e problemáticos que recebem um tratamento muito diferente. Assim, tudo o que está relacionado ao paradoxo ou ao conflito ou à contradição – como as regiões pobres ou de meretrício – fica num espaço singular. Geralmente são regiões periféricas ou escondidas por tapumes.” (DA MATTA, 1997, p. 45) No caso da cidade de Belo Horizonte, o espaço singular encontrado para colocar a escultura, a região periférica, na área central da cidade, foi o Parque Municipal e o monumento fica, assim, ilhado no centro da cidade

## Mulheres e urbe<sup>2</sup>

O corpo-bronze-busto-relevo aqui retratado é um corpo-mulher-significado ocupando espaços em disputa. Ao corpo-mulher-carne interdita-se espaços urbanos assim como ao corpo-bronze. Michelle Perrot já nos apontou caminhos sobre a moral burguesa e os espaços permitidos às mulheres na cidade, o espaço urbano e o lugar das mulheres. O espaço público político, masculino por excelência, e o espaço público urbano, cujas mulheres públicas são, por excelência, as prostitutas, personagens à margem da sociedade e não por acaso cantadas por Baudelaire e pontos de reflexão de Benjamin. A liberdade de Anita, ao tornar-se uma mulher livre em sua escolha por um novo companheiro – uma das interpretações possíveis de sua existência – é aquela que rompe com o padrão familiar, aproximando-se da representação da prostituta de moral duvidosa e de vida sexual livre.

Nas primeiras décadas da capital, outras representações traziam o corpo feminino, algumas apresentando corpos semi-nus, com os seios à mostra,, para o espaço urbano de Belo Horizonte: Três Graças, Moça mirando-se no espelho d'água, A Deusa das Águas, Estação: Verão, Estação: Outono e Estação: Primavera, imagens que não representam mulheres com identidade de destaque, são esculturas simbolistas, em que aspectos de feminilidade apresentam-se em mármore com panejamentos transparentes que deixam à mostra as formas femininas. O deslocamento de algumas dessas obras também ocorreu ao longo do tempo na cidade, como é o caso das obras representando as estações, inicialmente criadas para comporem o espaço da Praça da Estação por ocasião da sua remodelação em 1920.

“Em 1963, com as obras da Avenida dos Andradas, a praça reduziu em 15m os dois módulos dos jardins franceses. E começou a peregrinação das peças pela cidade. Essa situação ganhou até um nome: “dança das esculturas”. Em 2008, diz Michele, quando o CDPCM aprovou o projeto de restauro dos jardins da praça, autorizou também a colocação das réplicas para manter a paisagem referencial do espaço e garantir a conservação dos originais. E definiu que as 10 deveriam ser restauradas e instaladas em local aberto à visitação pública e cobertos.” (WERNECK, 2013)

O corpo feminino nu de algumas esculturas foi também objeto de censura e disputa:

---

<sup>2</sup>Esta pesquisa insere-se em um trabalho que se iniciou no ano de 2021, a partir do estudo sobre corpos femininos e suas representações no espaço urbano de Belo Horizonte. Além das representações de mulheres em esculturas, monumentos, será também analisado, em uma perspectiva temporal mais estendida, manifestações de artistas contemporâneas, em especial performances, no espaço público da cidade.

“Outro caso interessante envolvendo nudez é o das esculturas de mulheres que sustentavam a iluminação dos jardins da Praça da Liberdade. Elas tiveram que ser retiradas de lá em 1924, por ordem do palácio dos governo, a pedido da primeira-dama da época. Atualmente, uma delas pode ser vista no centro de um lago no Parque Municipal”, comenta Clotildes Avellar.(BRANT, 2015)

De acordo com a pesquisadora, a obra hoje presente no Lago do Parque Municipal, um nu de corpo inteiro, foi retirado de um espaço político central, a Praça da Liberdade, em frente ao Palácio do Governador, para ser instalada no meio de um lago onde o corpo nu não pode ser visto de perto.

De 1957 é a escultura Monumento à Mãe Mineira, situada também no Parque Municipal, com linhas mais simplificadas, mas trazendo o simbolismo da representação da mãe, com um filho no colo. Também no Parque Municipal existe, atualmente, uma réplica em resina da Vitória de Samotrásia, em lugar de muito mais destaque que as demais esculturas que representam corpos femininos. Outra escultura, datada de 2006, representando uma mulher real, é a da escritora Henriqueta Lisboa, em outra geografia da cidade, na região do Bairro Savassi, uma escultura em tamanho natural, sem pedestal e que se confunde com os transeuntes da cidade. Há também uma escultura em frente ao Banco do Brasil na Rua Rio de Janeiro, no centro, e as esculturas de Auguste Zamoisky, Nu, de 1943, e de Alfredo Ceschiatti, O Abraço, também de 1943, assim como a obra Figura Alada de José Pedrosa, de 1947, que ocupam os jardins do Museu de Arte da Pampulha, em outra região da cidade.

Sobre o deslocamento de Anita, quem nos fala é a historiadora Clotildes Avellar.

“Ela acabou sendo levada para um lugar de pouca visibilidade; praticamente esconderam a Anita junto ao portão da antiga avenida Tocantins (hoje avenida Assis Chateaubriand), dentro do Parque Municipal. Mais tarde, em 1929, após a construção do Viaduto de Santa Tereza, o busto foi levado para a Ilha das Garças, hoje Ilha dos Amores, que foi totalmente remodelada à francesa, especialmente para recebê-la” (BRANT, 2015)

## **Breve incursão sobre imagens de Anita pela imprensa**

Em breve nota do jornal Correio da Semana, encontramos uma perspectiva contraditória sobre a brasileira. Por um lado, a consagração dos feitos da heroína, por outro a condição feminina do lar como sendo



Na Historia Patria, quando a Republica era o sonho acariciados dos heroicos filhos dos campos esmeraldinos do Sul, veremos Annita Garibaldi commandando uma bateria collocada em ponto estrategico e perigoso afrontando corajosamente as balas mortíferas que dizimavam as hostes republicanas do Piratinim.

A coragem do grandioso martyr, cuja estatua gigantesca parece desafiar os alterosos pincares do Itacolomy, foi imitada por Barbara Helesdora.

Mas para que recorrer a Historia, que nem todos conhecem, si temo prova frisante de quanto ella é util no lar? (CORREIO, 1913, p.2)

Em outra reportagem, intitulada *A heroína dos dois paizes*, à Annita Garibaldi, é dedicada uma “justa homenagem”. A narrativa apresenta uma Annita que havia sido impedida de se casar com Garibaldi por seus pais, e obrigada a se casar com João Gonçalves. (CORREIO, 29 de junho de 1913, p. 02.)

Nas duas primeiras décadas do século XX, a partir de uma pesquisa no jornal juiz-forano O Pharol, pode-se constatar o grande número de homenagens por meio de propostas de monumentos a ela em cidades brasileiras. Alguns efetivamente erguidos e sobre outros não há notícia.

Na breve nota “A estatua de Annita Garibaldi” de 1913, informa-se que “o sr. deputado Celso Bayma apresentou à Camara um projeto autorizando o governo a mandar entregar á comissão incumbida da erecção de uma estatua na cidade do Rio de Janeiro em homenagem á Annita Garibaldi, a quantia de trinta contos de reis como auxilio.” (O PHAROL. 06 de setembro de 1911. p. 01) Assim como no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul acontecia movimento similar: “Brevemente chegará ao Rio Grande do Sul, a estatua, adquirida por subscrição entre os membros da colonia italiana naquelle Estado, representando José Garibaldi e Annita Garibaldi.” (O PHAROL, 23 de maio de 1912. p. 01.) Em Campinas, o mesmo movimento buscando homenagear a brasileira: “Cogita-se em Campinas de erigir um monumento á memoria de Annita Garibaldi.” (O PHAROL, 14 de agosto de 1909. p. 02) Assim como em São Carlos do Pinhal “Communicam de S. Carlos do Pinhal, S. Paulo, que foi collocada solemnemente, no jardim público daquella localidade uma lapide de homenagem a Annita Garibaldi, correndo a festa com muito enthusiasmo, sendo proferidos discursos patrioticos.” (O PHAROL, 23 de abril de 1910. p. 02) A construção do monumento de Belo Horizonte também é anunciado: “O monumento de Annita Garibaldi será erguido na Praça da Estação, em Bello Horizonte, no local onde se encontra o coreto, bastante próprio pelo espaço que offerece a festejos populares e em evidente destaque pela belleza do jardim que o circunda á margem do rio.” (O PHAROL, 23 de maio de 1913, p. 01)

Os monumentos dedicados a Annita na Itália, datam ainda do século XIX, como nos aponta o jornal O Pharol, de 1889: “De carta escripta por um brasileiro, natural de Laguna, ora em viagem na Italia, extrahiu o *Jornal do Commercio*, de Porto Alegre, os seguintes trechos relativos à heroína brasileira Annita Garibaldi e á estatua que lhe foi erigida em Ravena.” (O PHAROL, 17 de novembro de 1889, p. 02.)

Na Revista FonFon, noticiou-se a inauguração da escultura, com reproduções fotográficas e descrição do momento de inauguração do monumento oferecido à cidade pelo Dr. Fausto Ferraz e sua esposa D. Alzira Ferraz em homenagem à “memória da imortal heroína brasileira”. Assistiram a solenidade o coronel Bueno Brandão (Presidente do Estado), secretários do governo, Dr. Olynto de Magalhães (então prefeito), congressistas estaduais, etc. “O ilustre homem de letras, Virgílio Varzea, leu um belo discurso sintetizando a epopéia garibaldiana no Brasil e na Itália. Em nome da colônia italiana falou o jornalista Donato Donati”.(ANNITA Garibaldi, 1913)

O conflito sobre a imagem no espaço urbano, com uma ação conservadora de um grupo da Igreja Católica é objeto de notícia no periódico O Pharol: “A União Popular Catholica distribuiu hoje pelas ruas da capital um boletim concitando o povo a não comparecer no dia 20 á inauguração do busto de Annita Garibaldi.” No entanto, abaixo deste pequeno trecho, o jornal aponta a reação ao boletim distribuído pela União Popular Catholica: “A mocidade das escolas por isso promove uma passeata amanhã, protestando contra o procedimento daquela associação catholica.” (O PHAROL, Juiz de Fora, 19 de setembro de 1913, p. 01)

Por fim, consegue-se apreender críticas à profusão de monumentos consagrados à Anita no trecho que se segue:

Em janeiro próximo será inaugurada no sul do paiz mais uma estatua de Annita Garibaldi. Está regulando...E dizer-se que Euclides da Cunha ainda não tem nenhuma! (O PHAROL, 25 nov. 1919, p. 01)

Assim, deve-se à trajetória não convencional de vida de Anita que pode ser retratada ora como a grande heroína, ora como a mulher que não representava o ideal de feminilidade, em duas nações que buscavam construir heróis nacionais, este lugar de representação em disputa.

## **Em busca de Anita**

Laguna, Imbituba, Florianópolis, em Santa Catarina, Campinas e São Carlos do Pinhal em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Ilha Madalena na Sardenha; Cesenatico na Italia, são alguns exemplos de cidades que homenagearam Anita. As representações de Anita atravessam o século XX e atravessam o século XXI e continuam a existir e repovoar o território urbano ainda hoje, com velhas ou novas esculturas. Anita representa aquela que não ficou confinada, que não cedeu às “formas de confinamento, de enclausuramento das mulheres” que “são muitas: o harém, o quarto das mulheres do castelo feudal retratado por Jeanne Bourin num romance recente, o convento, a casa de estilo vitoriano, o bordel.” (PERROT, 2015, p. 136). O caminho percorrido pelo monumento de Anita em Belo Horizonte pode nos levar a constatar como Pitágoras, “Uma mulher em público está sempre fora do

lugar” (PERROT, 2015, p. 136), mas deve nos obrigar a acrescentar, por isso é fundamental a luta para a mudança do espaço público, abandonando as interdições por gênero.

## Referências

- ARANTES, Antonio Augusto. *Paisagens Paulistas*. Transformações do espaço público. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.
- BRANT, Ana Clara. Por trás das esculturas presentes, há casos de censura e perseguição. Portal Uai, 14 jun. 2015. Disponível em: <https://www.uai.com.br/app/noticia/e-mais/2015/06/14/noticia-e-mais,168651/por-tras-das-esculturas-espalhadas-por-bh-ha-casos-de-censura-e-perse.shtml> Acesso em: 30 janeiro de 2022.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.
- \_\_\_\_\_. *Minha História das Mulheres*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo; Ed 34, 2005.
- \_\_\_\_\_. *O inconsciente estético*. São Paulo: Ed 34, 2009.
- RIBEIRO, Fernanda Aparecida Anita Garibaldi coberta por histórias, Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista. 2010. 227 f.
- WERNECK, Gustavo. Conheça as estátuas nômades das quatro estações em Belo Horizonte. *Estado de Minas*, 17 mar. 2012. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/03/17/interna\\_gerais,283964/conheca-as-estatuas-nomades-das-quatro-estacoes-em-bh.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/03/17/interna_gerais,283964/conheca-as-estatuas-nomades-das-quatro-estacoes-em-bh.shtml) Acesso em 30 janeiro de 2022.
- Periódicos consultados em busca no site Hemeroteca Digital – BNDigital*
- Correio da Semana. Queluz, 29 de junho de 1913. N. 17. p. 02. Rabiscos ao Messias.
- Monitor Mineiro. Guaranésia, Minas Gerais. 6 de março de 1946. p. 01. Amor Sublime.
- O Pharol. Juiz de Fora, Minas Gerais. 25 de novembro de 1919. p. 01. Chumbo fino...
- O Pharol. Juiz de Fora, Minas Gerais. 29 de setembro de 1910. p. 02. Divagazioni italiana.
- O Pharol. Juiz de Fora, Minas Gerais. 17 de novembro de 1889. p. 02. Brasileira notavel.
- O Pharol. Juiz de Fora, Minas Gerais. 05 de agosto de 1909. p. 01. A Heroína dos dois países.
- O Pharol. Juiz de Fora, Minas Gerais. 14 de agosto de 1909. p. 02. Annita Garibaldi.
- O Pharol. Juiz de Fora, Minas Gerais. 23 de abril de 1910. p. 02.
- O Pharol. Juiz de Fora, Minas Gerais. 24 de fevereiro de 1911. p. 02.
- O Pharol. Juiz de Fora, Minas Gerais. 06 de setembro de 1911. p. 01.
- O Pharol. Juiz de Fora, Minas Gerais. 23 de maio de 1912. p. 01.
- O Pharol. Juiz de Fora, Minas Gerais. 23 de maio de 1913. Annita Garibaldi. p. 01.
- O Pharol. Juiz de Fora, Minas Gerais. 19 de setembro de 1913. Da Capital de Minas. p. 01.

**Como citar:**

LAGES RODRIGUES, Rita. Anita Garibaldi em Belo Horizonte: representações do feminino em disputa.. Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em Tempos Sombrios, Evento virtual, CBHA, n. 41, p. 1024-1035, 2022 (2021). ISSN: 2236-0719.  
DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.41.083>  
Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>